

LEITURA EM SALA DE AULA: ESTRATÉGIAS DE COMBATE AO PRECONCEITO RACIAL NO ESPAÇO ESCOLAR.

Sandra Rodrigues Silva (1), Elizenaide Bezerra (1), Gerlane Macêdo da Silva (2), Rosângela Lima Cruz Rodrigues (3), Cleonice dos Santos Lima (4)

(*Mestrados em Ciências da Educação pela UNIGRENDAL* (1), (2), (3), (4) Sandra.amorimm@hotmail.com(1), cleo.nicelima@hotmail.com (4)

Resumo: A escola é um lugar em que as pessoas se interagem mutuamente, seja pela língua que falam ou por meio de práticas culturais comuns. Por isso é importante que atributos como a cor da pele, textura do cabelo e constituição física não faça a menor diferença para aqueles que ali estão inseridos. Sabemos que o cenário atual passa pelo o reconhecimento da pluralidade e diversidade de sujeitos e de culturas com base no respeito e tolerância recíproca, não concebendo as diferenças culturais como sinônimos de inferioridade ou desigualdade. Neste contexto, considerando que a escola tem um papel a cumprir, será apresentado neste artigo um relato de experiência de um projeto pedagógico desenvolvido com o livro de literatura infantil: Pretinho meu boneco querido, vivenciado com turmas do ciclo de alfabetização das séries iniciais do 1º a 3º ano de uma escola pública na zona rural de Massaranduba na Paraíba, estas ações teve como objetivo conscientizar os educandos para uma reversão do imaginário social sobre o processo racial a partir de uma nova prática pedagógica. O trabalho descreve todas as etapas vivenciadas em sala de aula e nas casas das famílias dos alunos. O livro de Literatura usado nas rodas de leitura e no desenvolvimento de todo o projeto se constituiu como um elemento chave na construção desse espaço, pois possibilitou através das discussões e oficinas desenvolvidas a aquisição de novos conhecimentos a cerca do racismo e se possível até mudar a realidade e quebrar antigos paradigmas. As conclusões apontam para a importância das atividades lúdicas como sendo significativas para as crianças.

Palavras-chave: Escola, Preconceito, Desigualdade.

INTRODUÇÃO

A escola é um lugar em que as pessoas se interagem mutuamente, seja pela língua que falam ou por meio de práticas culturais comuns. Portanto a emoção flui em cada ser humano de forma diferente e através da exploração dos gêneros devemos fazer com que o aluno interaja efetivamente no ambiente escolar. O cenário atual passa pelo reconhecimento da pluralidade e da diversidade de sujeitos e culturas com base no respeito e tolerância recíprocas, compreendendo as diferenças culturais não como sinônimos de inferioridade ou desigualdade, mas como alteridade. Conceber a dinâmica escolar nesta perspectiva supõe repensar seus diferentes componentes e romper com a tendência homogeneizadora e padronizadora que impregna suas práticas. Para Moreira e Candau (2008), a escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e diferença, tendendo a silenciá-las e neutralizá-las, sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir

espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que a escola está chamada a enfrentar. Nesse contexto se insere a alteração da LDB, na Lei nº 10.639/03 onde a mesma garante o direito à educação sobre a história e a cultura afro-brasileira. Esse entendimento poderá nos ajudar a superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial, criar ações afirmativas, rompendo com o mito da democracia racial.

Nesta perspectiva, a escola deve ser concebida como um centro cultural em que diferentes linguagens e expressões culturais estão presentes e são produzidas. Não se trata simplesmente de introduzir na escola as novas tecnologias de informação e comunicação e sim de dialogar com os processos de mudanças culturais, presentes em toda população, tendo, no entanto incidência entre jovens e crianças, configurando suas identidades.

Sobre isso Valente (1999, p.63) argumenta que aceitar as diferenças e enriquecer-se com elas continua a ser um problema que hoje ninguém sabe resolver porque supõe o reconhecimento da alteridade. Diante dessa circunstância é preciso adotar métodos, criar situações para que os educandos consigam ressignificar os seus valores a cerca do preconceito racial. Por isso a educação em geral, a escola e os professores são encarados como “esperança do futuro”, sendo pressionados a repensar seu papel diante das transformações em curso, as quais demandam novos saberes, novas competências, um novo jeito de agir, enfim um novo perfil de formação do cidadão.

Para isso o parecer referente às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, acentua-se que os estudantes ao aprenderem conhecimentos e valores constantes das propostas curriculares, estarão constituindo suas identidades como cidadãos em processo, capazes de ser protagonistas de ações responsáveis, solidárias e autônomas. Desse modo, ao longo da vida, em meio às interações com diferentes pessoas e grupos com que convivemos ou travamos contato, construímos nossas identidades, que se formam mediante os elos (reais ou imaginários) estabelecidos com pessoas, grupos, obras literárias, personagens da mídia, colegas de trabalhos, elementos étnicos-raciais, seguidores de nossa religião etc, assim procuramos nos distinguir de pessoas diferentes de nós, concordando com Stoer e Magalhães (2005), quando os mesmos afirmam que a identidade é, portanto, um processo de criação de sentido pelos grupos e pelos indivíduos.

Partindo dessa premissa esse trabalho objetiva em conscientizar os educandos para uma reversão do imaginário social sobre o preconceito racial a partir de uma nova prática

pedagógica.

A questão racial na escola

A educação para as relações étnico-raciais que cumpre o seu papel é aquela em que as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos negros e brancos ao passarem pela escola básica, questionem a si mesmos nos seus próprios preconceitos e tornem-se dispostos a mudar posturas e práticas discriminatórias, reconheçam a beleza e a riqueza das diferenças e compreendam como essas foram transformadas em desigualdades nas relações de poder e de dominação. Para isso Santos (1996), afirma que as crianças, adolescentes, jovens e adultos negros e brancos deveriam receber da escola uma visão afirmativa que seja instrumento para a nossa libertação das amarras do racismo, que fortaleça o conhecimento da história e da cultura africana e afro-brasileira no sentido de formar subjetividades rebeldes e democráticas.

Neste sentido é preciso tomar cuidado para não depositarmos toda nossa esperança de superação do racismo e das desigualdades raciais na educação escolar. A escola sozinha não dá conta de tudo, mas nem por isso ela deixa de ser responsável nesse processo. Ela é uma instituição formadora e ocupa lugar de relevância social e cultural, juntamente com outros espaços em que também nos educamos.

A aplicação da Lei 10.639/03 no âmbito escolar mostrará frutos em médio e longo prazo. Um deles poderá ser a possibilidade de a criança, o adolescente, o jovem e o adulto negro, ao entrarem para a escola básica, seja pública, seja privada, terem a possibilidade de participar de um estudo sistemático que destaque as referências positivas de seu grupo étnico-racial, da história do seu povo, entendendo-a como parte da construção da história do seu país. Portanto os educandos deverão passar pela escola e dela saírem com um olhar positivo sobre a questão racial e sobre a nossa herança negra e africana. Pois precisamos estar ciente de que, se a educação no país continuar negligenciando a multiculturalidade como condição de vida na sociedade da qual faz parte toda e qualquer formação corre o sério risco de continuar sem dar conta das demandas e exigências sociais, bem como de não cumprir o papel de formar sujeitos históricos, ativos criativos e interessados na emancipação humana como finalidade última de todo processo formativo.

Práticas de leituras na escola podem desmistificar o preconceito e construir ações que positivem o negro

Ler e escrever são condições básicas para a inserção e participação de um indivíduo na

sociedade letrada. Mas a escola nem sempre consegue cumprir essa tarefa. Compreender, comunicar e apropriar-se dos saberes construídos pela humanidade são conquistas necessárias à vida e ao exercício de cidadania. Segundo os PCN de Língua Portuguesa:

“o domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo e produz o conhecimento” (BRASIL, 2001, p.23.)

Neste sentido cabe a escola em converter a leitura em objeto de aprendizagem. Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola.

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. É preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. Para tornar os alunos bons leitores, precisa-se fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (BRASIL, 2001, p.58). Portanto se faz necessário, transformar as práticas tradicionais em propostas que permitam à criança a construção de seu conhecimento de uma forma mais participativa e enriquecedora, ela um ser em desenvolvimento, que já possui muitos saberes, muito ativa e cheia de curiosidade sobre o mundo que a cerca, não podemos deixar que ela perca tudo isso. É preciso que se criem situações para que a criança interaja, escolha, mostre-se, perceba o outro, descubra, conheça e continue ativa, curiosa e disposta a saber cada vez mais.

METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa onde Giddens (2012), afirma que tal pesquisa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), essa pesquisa objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos envolvendo verdades e interesses locais apresentando assim uma natureza aplicada. Quanto aos objetivos apresenta-se como descritiva sendo realizada nos procedimentos um relato de experiência, a mesma foi desenvolvida em uma escola pública no município de Massaranduba, PB- com alunos do ciclo de alfabetização do 1º ao 3º ano das

séries iniciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Celebrar o direito à diferença nas relações sociais como forma de assegurar a convivência pacífica e tolerante entre os indivíduos caracteriza o compromisso com a democracia e a justiça social em meio às relações de poder em que tais diferenças são constituídas. Por esse motivo a escola é um lugar importante para que novas práticas pedagógicas, como serão relatadas neste artigo, sejam desenvolvidas, com todos que nela estão inseridos, provocando uma mudança substantiva de percepção dos brasileiros pretos e pardos em relação à sua identidade, a fim de contribuirmos com a desconstrução de discursos e conceitos que corroboram com a discriminação.

O caminho pedagógico encontrado, com o propósito de compreender e pensar formas de eliminar o preconceito, a discriminação e o racismo, foi através do conhecimento adquirido por meio da leitura baseado no livro de literatura infantil “Pretinho: meu boneco querido”, uma comovente história de Maria Cristina Furtado que ajuda a discutir o preconceito racial e faz refletir sobre como são inspiradas todas as formas de discriminações físicas, do modo de agir e de pensar diante de uma situação.

Inicialmente foi elaborado um projeto com duração de 15 (quinze) dias, com o tema: Práticas pedagógicas lúdicas para o combate do preconceito racial no espaço escolar, visando contribuir no combate à discriminação e preconceito racial, haja vista as dificuldades de indivíduos e grupos de acolher e conviver com a pluralidade e as diferenças culturais. Sobre isso Valente (1999,p.63) argumenta que aceitar as diferenças e enriquecer-se com elas continua a ser um problema que hoje ninguém sabe resolver porque supõe o reconhecimento da alteridade (...). Diante dessa circunstância é preciso adotar métodos, criar situações para que os educandos consigam ressignificar os seus valores sobre o negro a cerca do preconceito racial. O desenvolvimento aconteceu de forma lúdica: No primeiro momento foi priorizado o método interrogativo com a exploração da linguagem oral de cada aluno, com questionamentos acerca do racismo. No segundo momento, foi apresentado o livro de literatura infantil, para que através das leituras feitas fossem possível conscientizar os educandos para uma reversão do imaginário social sobre o processo racial a parti de uma nova prática pedagógica.

Em outro momento foi realizada a leitura deleite, onde despertou a curiosidade e o

interesse pela leitura, já que a capa do livro era bem ilustrada. Sabendo-se que ao vivenciá-la abre-se a possibilidade de adquirir conhecimentos, desenvolver o raciocínio e alargar a visão de mundo, e sobre tudo necessária, porque ler ensina a ler e a escrever. Onde os PCNS afirmam que uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática de leitura eficiente. (BRASIL, 1997, p.58).

Para entender e conhecer diferentes histórias sobre o tema foi proposto aos educandos à leitura dos seguintes livros:

- Menina bonita de laço de fita. Maria Helena Machado;
- Bruna e a galinha d'angola. Cercilga de Almeida .

Em outro momento foi apresentado o CD (Pretinho) com estudo de músicas fazendo releituras e transformando-as em ilustrações. Foi solicitando em outra aula aos alunos que fizessem produções textuais a fim de que pudéssemos investigar o que eles entendiam da figura do negro na sociedade. Nas produções feitas pelos os alunos foi possível enxergar que através das leituras feitas, o pensamento deles em relação ao negro já estava fazendo possíveis efeitos no sentido, que o racismo é uma construção histórica cultural que afeta negativamente na vida dos indivíduos.

Como produto final foi confeccionado uma mascote (boneco de pano, representando Pretinho). No término da confecção do boneco, os alunos foram convidados a fazer a releitura do livro: Pretinho meu boneco querido, para saber se realmente eles conseguiram consolidar os seus valores sobre o negro e acerca do preconceito racial, com a participação de todos. Em seguida houve um sorteio para que eles pudessem levar Pretinho juntamente com o livro dentro da maleta da leitura, para lerem e registrarem todos os momentos ao lado do boneco no entorno familiar.

Assim o boneco visitou a casa de cada um dos alunos, onde a história foi contada para a família, e chegando à escola o aluno fazia um relato contando como foram os momentos vivenciados ao lado do seu novo amiguinho. No geral, este trabalho foi muito proveitoso no sentido de promover ao o educando uma aula consciente de cooperação e respeito mútua acerca do racismo, bem como os transformando em sujeitos, críticos e capazes de enfrentar os desafios que a vida lhe oferece.

CONCLUSÕES

A Escola é concebida como um centro cultural em que diferentes linguagens e expressões culturais estão presentes e são produzidas. Portanto cabe a nós educadores repensarmos as nossas práticas pedagógicas com base no sujeito, no sentido de exercitar uma postura ética, onde poderá apontar para a liberdade, e não para o aprisionamento do sujeito no preconceito, na desigualdade, na discriminação e no racismo.

Como diz Ferreira (2006), a morada do educador é a ética. Entender a ética é compreender e construir uma forma de relação com o outro que deve ser a referência para que a escolha do sujeito seja como princípio geral que proteja o ser humano do mundo. Através deste relato compreendemos a importância de ações pedagógicas que nos leva a concluir que as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos negros e brancos, ao saírem da escola básica, devem se tornar dispostos a mudar posturas e práticas discriminatórias, que os mesmo reconheçam a beleza e a riqueza das diferenças e compreendam como essas foram transformadas em desigualdades nas relações de poder e de dominação e que possam aprender a desnaturalizar as desigualdades e tornem-se sujeitos da sua própria vida e da sua história e aprenderão a se posicionar politicamente contra toda a sorte de discriminação.

Esse é um grande desafio para todos os professores, pois vivemos impregnados por um modelo de ensino padronizado e temos muita dificuldade em lidar com a heterogeneidade em sala de aula. No entanto, consideramos que esta perspectiva é fundamental se quisermos contribuir para que a escola seja reinventada e se firme como locus privilegiado de formação de novas identidades capazes de construir respostas, sempre com caráter histórico e provisório para as questões que enfrentamos hoje. Dessa forma as conclusões apontam para que práticas pedagógicas lúdicas desenvolvidas como essas que foram relatadas nesse artigo estarão sempre em consonância com o saber, e devem ser sempre aplicadas.

REFÊRENCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.** Brasília, DF: Congresso Nacional, 2003.

Disponível em: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_10639_09012003.pdf Acesso em: 24 de abril de 2017

BRASIL. Lei nº. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em: 24 de abril de 2017

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Brasília. Mec/SEF, Vol.10,1997.

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. MEC/SEF, Vol.2,2001.

FERREIRA, A.C. (2006). A morada do educador: ética e cidadania. Educação e Revista, n. 43, jun., p. 57-72. Belo Horizonte.

GERHARDT Tatiana Engel; SILVEIRA Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução: Sandra Regina Netz. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

MOREIRA, A. F. e CANDAU, V.M.. **Multiculturalismo; Diferenças Culturais e Práticas pedagógicas**. 2. Ed- Petrópolis.RJ: Vozes, 2008.

SANTOS, B.S. (1996). **Por uma pedagogia do conflito**. In: SILVA, L.H. et al. (org.). Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: Sulina, p. 15-33.

STOER, S.R. & MAGALHÃES, A. (2005). **A diferença como nós- A gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais**. Porto: Afrontamento.

VALENTE, A.L. **Educação e diversidade cultural: um desafio da atualidade**. São Paulo: Moderna, 1999.